IDENTIDADES SOCIAIS DE CLASSE E RAÇA NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER INGLÊS: UMA REFLEXÃO

Romar Souza Dias[1]

RESUMO: Propõe-se neste trabalho discutir a maneira como identidades sociais de classe e raça se constroem e influenciam o processo de aprendizagem de inglês de alunos dessa língua. Este estudo tem por base uma concepção teórica que contempla linguagem como constitutiva de identidades sociais de sujeitos também sociais já que não se pode desvincular linguagem de identidade. Esta investigação é, portanto, uma pesquisa qualitativa que tem por método a história de vida. A análise dos dados é de caráter interpretativista. Os resultados mostram que, apesar de dificuldades sociais (falta de recursos materiais, falta de oportunidades para praticar inglês, marginalização por causa da cor da pele etc.), muitos alunos procuram superar tais problemas ao buscar a todo momento maneiras de aumentar o seu conhecimento linguístico-comunicativo na língua-alvo. Desenvolvem e testam estratégias de aprendizagem, criam situações concretas e reais de comunicação que lhes permitem interagir em inglês. Para esses alunos, o conhecimento de uma língua estrangeira é uma forma de empoderamento e se configura como uma maneira de forçar a sociedade a mudar o seu olhar sobre esses sujeitos.

Palavras-chave: Ensino; Aprendizagem; Linguagem; Identidade.

INTRODUÇÃO

Muitas pesquisas em ciências humanas e sociais na contemporaneidade estão centradas em estudos que questionam conceitos epistemológicos tradicionais, aceitos como naturais e normais. De acordo com Moita Lopes (1996) e Pennycook (2006), essas investigações têm como objetivo o diálogo com o mundo contemporâneo a fim de identificar quais práticas sociais as pessoas vivem de modo a criar inteligibilidade sobre a vida social desses sujeitos.

No que diz respeito à área de Identidades e Ensino e Aprendizagem de Línguas e questões de raça/rtnia e classe, observa-se como o racismo opera ao desqualificar os corpos negros, excluindo-os do processo de aprender línguas estrangeiras, pois de acordo com Mastrella (2007) e Souza Dias (2013), a língua inglesa, no contexto brasileiro, configura-se como um capital simbólico associado à classe dominante (geralmente composta por pessoas brancas de olhos claros), de acordo com um discurso hegemônico que legitima tal fato. Segundo Norton e Toohey (2011), quando pesquisamos sobre identidades, colocamos em evidência e em análise os discursos, as interações e a maneira como as relações de poder são exercidas entre os sujeitos envolvidos, desmistificando criticamente, dessa forma, o porquê do privilégio de determinadas classes/raças em detrimento de outras. As investigações com foco em identidades são espaço importante para se compreender melhor o contexto de ensino e aprendizagem, suas especificidades, seus desdobramentos sociais e culturais.

Ao sinalizar contextos de ensino e aprendizagem de línguas, é importante a identificação e compreensão de problemas sociais reais que muitos aprendizes enfrentam ao tentarem apropriar-se da língua-alvo (SOUZA DIAS, 2013). Para tanto, é urgente entender o lugar chamado sala de aula como um espaço onde a interação social não é neutra, mas, sim, constituída por relações assimétricas de poder. É dentro deste contexto ideológico, cheio de desigualdades sociais que o indivíduo constrói a sua relação favorável (ou não) com a língua estrangeira, pois o contato com uma nova língua não vem dissociado de questões sociais e econômicas mais amplas, dentre outras, pois ela, a língua, não é apenas um código comunicativo neutro. A aprendizagem de uma língua estrangeira não se encerra nas

[1] Professor de Língua Inglesa e Linguística Aplicada da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VI. Contato: rogabam@yahoo.com.br

quatro habilidades (ler, escrever, falar e escutar) apenas, como costumam enfatizar muitos manuais de ensino de línguas. Aprender uma língua estrangeira significa entendê-la como prática social e, como tal, traz em si todos os aspectos que traduzem essa prática. Esses aspectos englobam questões extralinguísticas e se mostram presentes na relação que o sujeito constrói com a língua estrangeira. Dessa forma, o processo de aprendizagem apresenta-se como algo complexo, uma vez que o sujeito, ao investir na aprendizagem de uma nova língua, se depara com situações que colocam em risco a sua identidade, encontrando ou não espaço para praticar e vivenciar o novo idioma (MASTRELLA, 2007, p.172-173; NORTON, 2000, p. 137).

Compreender quais problemas sociais reais alunos pertencentes a classes sociais menos favorecidas enfrentam para se apropriar da língua inglesa e como a aprendizagem de inglês contribui para a formação da identidade desses sujeitos foram alguns dos objetivos de uma investigação maior que deu origem a este resumo expandido. Repensar criticamente questões sobre ensino e aprendizagem de línguas, questões sociais de classe e raça, identidades e desigualdade social no Brasil, principalmente no contexto do ensino superior deve fazer parte do processo de formação de professores, de modo que suas ações em sala de aula e fora dela favoreçam o empoderamento de identidades sociais de menos prestígio na sociedade brasileira.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo é um recorte de uma pesquisa maior[2] (SOUZA DIAS, 2013) cujo objetivo foi investigar como identidades sociais de raça/etnia e classe se configuram como entraves para alunos negros, de baixa renda que investem na aprendizagem de inglês. É uma pesquisa qualitativa (CHIZZOTTI , 2006) que tem por método a história de vida ou o método autobiográfico (BUENO, 2002; FERRAROTI, 1991; FINGER, 1988). Esse método, de acordo com Bueno (2002), apresenta-se como alternativa para fazer mediação entre a história individual e a história social já que as teorias sociais voltadas para as explicações macroestruturais nem sempre dão conta dos problemas, das tensões e conflitos que tomam lugar na dinâmica da vida cotidiana. O método de análise dos dados é o interpretativista, segundo a visão de Moita Lopes (1994). Os instrumentos de coleta de dados são narrativas, coletadas durante os Momentos de Discussão em Grupo (MDG) que aconteciam uma vez por semana, durante um período de um (01) mês. Para cada momento de discussão foi proposto um texto teórico relacionado a questões sobre identidade e ensino e aprendizagem de línguas. Cada momento foi dividido em duas partes: a primeira era reservada à discussão de textos teóricos e a segunda parte era reservada à narrativa das histórias de acordo com o tópico teórico proposto.

Participaram da pesquisa três estudantes de inglês: Matheus, Jorge e Maria (nomes fictícios com o propósito de lhes preservar as respectivas identidades). Na época da coleta dos dados todos eram recém-graduados em Letras Inglês e Literaturas e atuavam como professores recém-contratados da rede pública de ensino na Educação Fundamental e Média. A faixa etária variava entre 23 e 24 anos de idade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Oriundos de classes sociais menos favorecidas (pobres e negros), os sujeitos pertencentes àquela classe são posicionados como pessoas desprovidas de identidades de valor, cujo futuro já estaria pré-determinado, traçado e selado, não havendo qualquer possibilidade de mudanças, restando

[2] Para mais informações, ler minha dissertação de mestrado Desafios enfrentados por alunos de classes sociais menos favorecidas rumo à aprendizagem de inglês: uma questão de identidades, disponível no endereço eletrônico: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13887/1/2013_RomarSouzaDias.pdf.

apenas resignação com tal situação por parte daqueles indivíduos (BAUMAN, 2005). Porém, o que temos observado pela análise das narrativas de Matheus, Jorge e Maria é algo diferente, o que corrobora, assim, as palavras de Weedon (1997) e Foucault (1977) para quem onde há uma posição de sujeito oferecida por um discurso, resistência a essa posição pode ser produzida. Os participantes da pesquisa não aceitaram a posição de sujeito oferecida pelo discurso normalizador e reivindicaram para si, com atitude, ação e determinação, porém não sem lutas ou conflitos, identidades mais dignas de respeito e prestígio social. Sobre isso, Matheus relata que "eu comecei a me impor em questão de autovalorização" (relato M09); Jorge, por sua vez, fala que "essa questão de não aceitar [identidades impostas] vem do contexto de onde eu venho (...) se eu cheguei até onde cheguei e eu me valorizo" (relato J08); Maria, por sua vez, relata que "eu não me sinto mais do jeito que eu sentia antes [baixa autoestima em relação a aprendizagem de inglês] (...). Hoje eu tenho autonomia" (relato Ma13).

Os participantes conseguem construir para si identidades mais dignas e valorizadas socialmente. Ao usar a língua estrangeira como um instrumento de ação e transformação social, os sujeitos desta investigação conseguem, de certa forma, mudar um futuro que lhes parecia inexorável, pré-determinado, forçando a sociedade a lançar-lhes um olhar diferente. Os professores em formação, ao apropriarem da língua inglesa, conseguiram, através desta, acesso a recursos materiais e simbólicos de mais prestígio social. Todos os participantes são hoje professores de língua inglesa recém-contratados da rede pública estadual e/ou municipal de ensino e gozam de respeito e reconhecimento social dos membros da sociedade onde estão inseridos. São reconhecidos como falantes legítimos de inglês, pessoas habilitadas a falar e ensinar esse idioma.

CONCLUSÕES

Todos os participantes da pesquisa encontraram dificuldades sociais ao tentar se apropriar da língua inglesa. A aprendizagem de inglês constitui-se através de lutas, conflitos e desejos ambivalentes ora de resistência, ora de desistência, frente à realidade social aparentemente inexorável que lhes era apresentada, onde questões de raça e de classe (sem prestígio e credibilidade) pareciam ser barreiras intransponíveis para aprender inglês. Apesar de dificuldades sociais que ainda os afligem, os participantes têm conseguido, de certa forma, construir uma identidade como falante legítimo de inglês, identidade digna de mais respeito e de prestígio social.

As experiências vividas por Jorge, Maria e Matheus são exemplos concretos de pessoas reais que se depararam com barreiras sociais reais, vivenciaram o discurso normalizador que segrega e categoriza, muitas vezes resistindo e reivindicando para si identidades mais humanas. São exemplos que fornecem subsídios concretos para uma transformação radical no processo de ensinar e aprender línguas estrangeiras no Brasil que se apresenta, de acordo do Paiva (2006), como um ensino superficial. São, de fato, verdadeiras histórias de vida, vividas por sujeitos sociais reais, pois só há história onde há problematizarão da vivência e não pré-existência dos acontecimentos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUENO, B. O. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores**: a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FERRAROTTI, F. **Sobre a autonomia do método biográfico**. Rev. Sociologia, Problemas e Práticas. Nº 9, 1991, p. 171-177.

FINGER, M. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

MASTRELLA, M. R. **Inglês como língua estrangeira:** entre o desejo do domínio e a luta contra a exclusão. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007, 321p.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras. 1996.

_____. **Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada:** a linguagem como condição e solução. D.E.L.T.A., n. 10, p. 329-338, 1994.

NORTON, B. **Identity and Language Learning: Gender, Ethnicity and Educational Change**. Harlow, England: Pearson Education, 2000.

PAIVA, V.L.M. O. Memórias de aprendizagem de professores de língua Inglesa. Contexturas, n. 09. p. 63-78, 2006. Disponível em: http://www.veramenezes.com/narprofessores.htm>, acesso em 05/03/2012.

PENNYCOOK, A. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

SOUZA DIAS, R. **Desafios enfrentados por alunos de classes sociais menos favorecidas rumo à aprendizagem de inglês**: uma questão de identidades. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013, 161p.

WEEDON, C. **Feminist practice and poststructuralist theory.** 2ª ed. London: Basil Blackwell, 1997.